

I

E, assim, tive de voltar a Zurique durante alguns dias. A minha mãe queria falar comigo urgentemente. Ela tinha ligado a pedir-me que fosse lá sem demora, aquele telefonema fora muito estranho. E, devido ao nervosismo, senti-me tão mal durante todo esse fim de semana prolongado que fiquei com uma forte prisão de ventre. Além disso, devo acrescentar que, há um quarto de século, havia escrito uma história que, por alguma razão de que infelizmente já me esqueci, tinha intitulado *Faserland*. Ela termina em Zurique, por assim dizer no meio do lago, de uma forma relativamente traumática.

Na primeira vez que voltei a recordar-me dessa história, acabava de comprar, em Zurique, como já disse, na Bahnhofstrasse, uma camisola de lã castanho-escura, um pouco áspera, numa pequena banca feita de tábuas, não muito longe da Paradeplatz. Já estava a anoitecer, eu tomara um pouco de valeriana, e o efeito dos comprimidos, a desesperança do outono suíço e os vinte e cinco anos passados pesavam como chumbo sobre o meu ânimo.

Pouco antes, tinha estado na cidade velha. Numa exibição clandestina de filmes em Niederdorf, passavam *In girum imus nocte et consumimur igni*, o último filme de Guy Debord, concluído antes do seu suicídio. Éramos quatro ou cinco pessoas, o que me pareceu um milagre, atendendo ao entardecer ainda quente e luminoso e ao carácter insípido e soporífero da obra.

E, depois de o público, ou seja, os dois professores, o projecionista e um sem-abrigo que quisera passar pelas brasas na poltrona do cinema, se despedir com apertos de mão, pus-me de novo a caminho da Paradeplatz, sem rumo e sem intenção através da noite. E aí, na outra margem do Limmat, encontrei aquela banca improvisada de uma comunidade suíça, onde duas mulheres de óculos, de idade indeterminada, e um simpático jovem barbudo vendiam camisolas e mantas pesadas, de cores naturais, que eles próprios tinham tricotado.

Em comparação com as peças expostas nas montras das *boutiques* da Bahnhofstrasse, há muito fechadas, mas ainda bem iluminadas, aqueles artigos simples de lã pareceram-me de uma autenticidade acolhedora, tal como os sorrisos das duas vendedoras me tinham parecido imbuídos, digamos, de realidade e de sentido. Pelo menos, pareciam-me mais reais do que toda a Bahnhofstrasse e as dezenas de bandeiras suíças penduradas à esquerda e à direita da rua e as luxuosas, provincianas e desinteressantes decorações das vitrines. E, quando entreguei a nota de cem francos aos membros da comunidade — depois de ter desrido a camisola que, apesar do frio, movido por um impulso, decidira experimentar, e de ter pedido para a meterem num saco de papel de tom neutro, castanho-claro —, tive a impressão fugaz, talvez falsa, de ter conseguido qualquer coisa de relevante com aquela transação.

De qualquer forma, entregaram-me o saco e um folheto colorido, um pouco desbotado, que, um tanto envergonhado, guardei no saco. Poderia descartá-lo discretamente mais tarde, pensei; despedi-me com um sorriso um pouco constrangido e, a sentir-me arrepiado, dirigi-me à Münsterplatz, com a ideia de tomar mais uma bebida no bar do Kronenhalle antes de voltar para o hotel, de me deitar na cama, de tomar outro sonífero à base de plantas e de apagar a luz.

A situação da minha mãe, apercebo-me agora, que me obrigava, de dois em dois meses, a visitar Zurique, essa cidade de exibicionismo, de fanfarronice e de humilhações, tinha-me paralisado por completo desde há anos. Tinha-se tornado terrível, tinha-se tornado

perfeitamente abominável, tinha-se tornado mais do que eu podia suportar, do que normalmente se deveria suportar. A minha mãe estava muito doente, ou seja, doente também na cabeça, não só aí, mas principalmente aí.

Para não perder o contacto com ela nem me entregar a um estado de resignação e desespero, decidi visitá-la de dois em dois meses. Sim, decidira simplesmente aceitar a miséria em que a minha mãe vivia há décadas no seu apartamento, rodeada de garrafas de vodca vazias, de contas por pagar, provenientes de várias lojas de peles de zibelina em Zurique, e de cartelas crepitantes de analgésicos.

Mas, desta vez, ela tinha-me contactado por iniciativa própria a pedir-me que a fosse ver, ao contrário do que fazia habitualmente, que era limitar-se a esperar que eu aparecesse, de dois em dois meses, em Zurique. Na maioria das ocasiões, pedia-me que lhe contasse algumas histórias. Como já disse, o seu telefonema deixou-me ainda mais nervoso do que aquelas visitas, porque ela tinha uma intenção qualquer, de repente estava numa posição de superioridade, por ter sido ela a tomar a iniciativa, ao contrário do que em geral acontecia, pois costumava ficar à espera em silêncio.

Ela não tinha *e-mail* nem telemóvel e rejeitava a Internet. Era demasiado complicado, dizia, e as teclas eram muito pequenas para ela. No entanto, eu suspeitava de que se recusava por arrogância e não por simples incapacidade de usar as teclas. Fingia gostar de ler jornais e Stendhal. A sua pele tinha a textura da seda depois de secar, e estava sempre um pouco queimada pelo sol, embora nunca se sentasse no terraço, junto das hortênsias.

A empregada doméstica roubava-a, a cada dois dias tinha a carteira vazia. Embora quase não gastasse dinheiro, todo ele desaparecia, assim como o seu Mercedes preto desaparecera um dia, retirado da garagem do prédio e levado para a Bucovina pelo marido bucovino da empregada doméstica bucovina. Era horrível, mas pelo menos ela já não estava em Winterthur.

Festejou o octogésimo aniversário na ala fechada do hospital psiquiátrico. Se se quisesse encarar isso com humor, era como em

Dürrenmatt, mas na verdade era muito mais triste do que em Dürrenmatt, pois tratava-se da minha mãe e não de uma mãe qualquer, e não de um hospital psiquiátrico qualquer, mas daquele com o nome mais sombrio e cruel de todos: Winterthur.

Eu tinha esquecido ou reprimido o facto de a clínica ter ainda outro nome, algo como *Frankenstein*, ou qualquer coisa do género, não me lembrava bem. De qualquer forma, deixaram-na sair de Winterthur, tinham sido obrigados a fazê-lo, porque só poderia continuar internada na clínica psiquiátrica por decisão judicial, e essa decisão não existia nem nunca existiria. Com efeito, por meio das suas manipulações sofisticadas e do seu sangue-frio a toda a prova, a minha mãe sabia sugerir à pessoa que a examinava que estava tudo bem, que bastava deixá-la voltar para casa e continuaria tudo bem. Bastava deixá-la voltar ao seu adorado fenobarbital, às caixas de *Fendant* barato — as garrafas de vinho branco com tampas de rosca a sete francos e cinquenta —, à assinatura do *Neue Zürcher Zeitung*, cancelada e renovada todas as semanas, e aos quadros expressionistas medíocres que o seu marido, o meu pai, lhe oferecera durante o casamento, enquanto ele, como é natural, tinha preferido ficar com os Noldes, os Munchs e os Kirchners, que recuperara na RDA com Lothar-Günther Buchheim, enrolados debaixo da cama no castelo situado à beira do lago Léman, onde tinha vivido depois de se divorciar da minha mãe.

Pensar na coleção de quadros desaparecida do meu falecido pai atormentava-me cada vez que sabia que esta ou aquela obra tinha sido leiloada na Grisebach, em Berlim, na Christie's, em Londres, ou na Kornfeld, em Berna. Eram quadros que eu conhecia desde a infância, pois estavam pendurados no nosso chalé em Gstaad. Cada pincelada com tinta espessa, cada nuvem azul e amarela com contornos pretos me eram dolorosamente familiares. Sempre que visitava a minha mãe, via diante de mim o fantasma das pinturas de terceira categoria dos expressionistas alemães penduradas no seu apartamento, vestígios da coleção extraordinária da nossa família. Telas de Georg Tappert ou de Max Kaus, por exemplo, e não se poderia dizer o que era mais lastimável, se o estado da minha mãe

ou as tristes imitações penduradas nas paredes de Zurique, como uma zombaria emoldurada.

Digo e repito que a decadência desta família, ou antes, a atomização desta família, cujo ponto mais baixo foi o octogésimo aniversário da minha mãe na sala comum da clínica psiquiátrica de Winterthur, foi marcada por uma desesperança sem fundo.

Ela estava ali sentada, encolhida, com o cabelo de um loiro-acinzentado, oleoso, preso num rabo de cavalo, e com um fato de treino azul-claro de felpa. O ramo de flores comprado por oitocentos frances na Bahnhofstrasse encontrava-se à sua frente, em cima da mesa; o seu rosto encovado era um palimpsesto, arranhado devido a quedas em estado de ebriedade e coberto de crostas de sangue de um vermelho profundo, as sobrancelhas quase imperceptíveis, ocultas pelo ziguezague das lacerações cosidas com fio escuro. Era assim que se apresentava o movimento descendente, o declínio desta família como um mapa do seu rosto, se assim se pode dizer.

Assim, em vez de voltar imediatamente para o meu hotel na parte antiga da cidade, fui ao bar do Kronenhalle, cuja porta de entrada fazia sempre o contrário do que se esperava. Se quiséssemos puxá-la, só conseguíamos abri-la empurrando, e vice-versa. Sentei-me ao fundo, à direita, no extremo do bar, perto das casas de banho, pois as mesas da frente estavam sempre reservadas para homens de Zurique e as suas acompanhantes, em geral ucranianas. Há muito que não conseguia uma dessas mesas ou que uma delas estivesse disponível. Entretanto, renunciara a essa esperança.

Quando se estava em Zurique, esperava-se sempre ficar envolvido pelo espírito de Joyce e do Cabaret Voltaire, mas, na realidade, era apenas uma cidade de primeiros-tenentes gananciosos e de rufias arrogantes. Ao fundo do bar, à direita, perto das casas de banho, estava-se tão bem quanto nas mesas da frente, pensara eu, afinal aí serviam-nos os mesmos três pratos brancos com amêndoas salgadas, com *chips* com paprica e com pequenos palitos salgados para acompanhar a bebida, e, se um dia as coisas deixassem de ser assim,

provavelmente ainda se poderia continuar a frequentar o bar do Kronenhalle, pois, no fim de contas, tanto fazia.

Tal como tanto fazia com a minha mãe, que talvez naquele momento, naquela noite, tivesse dado uma nova queda e batido com a cara no chão do apartamento, consoante tivesse tomado zolpidem, fenobarbital ou quetiapina, ou seja, apenas uma das três substâncias ou as três juntas, acompanhadas por uma ou duas garrafas do referido *Fendant* a sete francos e cinquenta. A seguir — depois da queda e das pegadas na poça de sangue, dos rostos envergonhados dos vizinhos atrás das cortinas de gaze e da ambulância branca e laranja e do atendimento nas urgências do hospital e do novo internamento em Winterthur, bem como da alta uma semana mais tarde, por não ter havido decisão judicial, e do regresso de táxi a Zurique, durante o qual o taxista lhe tirou a nota de mil francos da carteira e não lhe devolveu o troco, mas, em vez disso, lhe deu o braço com galanteria e a acompanhou até à porta do apartamento —, a seguir, ela não se recordaria de nada, a não ser, claro, de que ainda precisava urgentemente de entregar uma receita na farmácia para ter novas embalagens de zolpidem, fenobarbital e quetiapina.

Da última vez, durante a minha última visita dois meses antes, tinha limpado com todo o cuidado o sangue da minha mãe do piso de mármore com um balde, uma esfregona e um pano, após o que ela se convencera de que eu tinha dormido na cama dela e não no hotel, de que essa história do hotel era mentira, tendo-me depois perguntado como é que eu sujara de sangue os lençóis dela e o chão, o que é que me tinha passado pela cabeça, que descaramento.

Estava, pois, sentado no bar do Kronenhalle, enquanto ela dormia no seu apartamento e eu não queria voltar para o hotel, mas tinha de me ir embora, porque o que estava a fazer ali naquele bar, que me atraía e me repelia ao mesmo tempo?

Voltei, então, a atravessar a ponte, sob a qual corriam as águas límpidas do rio Limmat, vindas do lago, e os cisnes tinham enfiado as cabeças debaixo das asas para dormir. Pensei em ficar mais uns minutos junto do muro do miradouro de Lindenhof, talvez a fumar